



“Educação como prática de Liberdade”:  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8928 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT02 - História da Educação

**MEMÓRIAS DE CORRESPONDÊNCIAS: OS SUJEITOS E A CULTURA MATERIAL  
ESCOLAR DAS AULAS PÚBLICAS DE CAXIAS DO SUL/ RS (1890 – 1930)**

Samanta Vanz - UCS - Universidade de Caxias do Sul

Jose Edimar de Souza - UCS

**MEMÓRIAS DE CORRESPONDÊNCIAS: OS SUJEITOS E A CULTURA MATERIAL  
ESCOLAR DAS AULAS PÚBLICAS DE CAXIAS DO SUL/ RS (1890 – 1930)**

**Resumo:** Esse artigo tem por objetivo trabalhar, em recorte, a cultura material escolar das aulas públicas de Caxias de Sul, RS, entre 1890 e 1930 a partir dos vestígios encontrados nas correspondências trocadas entre professores, inspetores e poder público. A abordagem teórica fundamenta-se na História Cultural, e como percurso metodológico, utiliza-se a análise documental. Discorre-se aqui algumas relações existentes entre os sujeitos – inspetores e fornecedores – e a cultura escolar que se desenvolveu no município no período.

Palavras-chave: História da Educação, cultura material escolar, inspetor escolar, fornecedores.

### **Considerações iniciais**

Na investigação dos vestígios da cultura material para constituição de uma narrativa histórica sobre a educação primária do município gaúcho de Caxias do Sul entre 1890 e 1930 se faz uma aproximação entre a empiria da pesquisa e as três dimensões da cultura escolar conceituadas por Escolano (2017): a cultura empírica, a cultura acadêmica e a cultura política. Esta abordagem, fundamentada na História Cultural, considera aspectos da experiência de vida e o contexto em que se construíram estas narrativas, pois a história cultural “[...] tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade cultural é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p.16-17).

Pensar a cultura material<sup>1</sup> escolar implica construir problemas de investigação impregnados de escolhas teóricas, pois “[...] salvar el patrimonio que ha estado em la base de nuestra formación y de nuestra identidad [...] implica poner em valor bienes que em outro tiempo fueron subestimados [...]” (ESCOLANO BENITO, 2012, p. 12-13). A abordagem da cultura escolar material, neste estudo, abrange a preocupação com a organização de possíveis intervenções de ensino diante do mobiliário<sup>2</sup>, do espaço e dos utensílios disponíveis para as aulas públicas.

A construção da empiria desta pesquisa se utiliza de diversas fontes documentais para estabelecer a configuração dos indícios de uma cultura material escolar na região de Caxias do Sul, RS, entre os anos de 1890 e 1930: relatórios da Intendência, jornais, correspondências.

Dentre esses documentos, as correspondências são vestígios que nos permitem realizar uma interpretação a respeito de diversos elementos culturais escolares, incluindo aqui os sujeitos que se relacionavam com a materialidade da escola – sejam eles professores, fornecedores ou até mesmo sujeitos reguladores da ordem.

As correspondências das quais esta pesquisa trata estão relacionadas ao poder Executivo, aparecendo como ofícios, requerimentos e solicitações, sendo sempre um elemento de contato entre as autoridades do período. Nesse sentido, opta-se pela análise documental como abordagem metodológica, que procura identificar nas recorrências dos vestígios dessas fontes um norte para a interpretação do contexto (BACELLAR, 2005)

A pesquisa procura trazer uma possibilidade de análise para a narrativa histórica que entrelaça os elementos materiais com os sujeitos: para isso, os esforços se voltaram para os inspetores escolares e os fornecedores de materiais.

### **Do controle escolar ao fornecimento de materiais escolares**

Pertencente à categoria de controle, há a figura do inspetor escolar. Aos inspetores, cabia a tarefa de verificar o ensino escolar, seus métodos, suas práticas, monitorar professores e professoras e a existência de objetos e materiais escolares. Como afirmam Gaspar da Silva, Mendes de Jesus e Ferber (2012, p. 152), os relatórios da inspetoria escolar “teriam como pontos norteadores os tópicos referentes à organização escolar, quais sejam: prédio escolar, mobília escolar, material escolar, livros didáticos, disciplina, ensino e programa”.

Os inspetores escolares eram subordinados ao Inspetor Geral da Instrução Pública, que era responsável pela rede de inspeção e direção do ensino público. A intervenção da Diretoria Geral da Instrução Pública aparece com maior intensidade nos primeiros anos de escolarização do município, sendo que diversas correspondências trazem relação entre o inspetor escolar do município e o diretor geral da Instrução Pública.

Nessa rede que estabelece relações entre a Diretoria Geral da Instrução Pública, a Secretaria do Interior e Exterior e a Intendência Municipal, o inspetor escolar passa a ser não apenas um mediador entre o contexto escolar e poder público, mas um instrumento de fiscalização da instrução pública, representando uma vigilância permanente.

Há de se considerar, também, a interação entre esta cultura política, formalizada por meio da figura do inspetor, e a cultura empírica, aqui considerada pela materialidade dos objetos escolares. Ao inspetor, em sua figura de controle, também cabia a aferição das solicitações de materiais para as escolas, como demonstrado nas correspondências da professora Luiza Morelli e o Inspetor Antonio Moro, em 1891:

Precisa-se que pela Intendencia Municipal d’esta villa, sejam fornecidos a esta aula os seguintes moveis que são necessários ao crescido numero de alumnos que frequentão a dita aula:

Uma escrivaninha com tinteiros. Um Banco e uma Talha de barro para agua.

Aula publica mixta da 7ª Legoa 30 de Junho de 1891.

A Professora

Luiza Morelli

Cidadãos

A fim de que mandeis aviar passo às vossas mãos o incluso pedido de moveis que faz a professora da 7ª Legoa.

Saude e Fraternidade.

Inspectoria Escolar de Caxias, 18 de Julho de 1891.

Aos cidadãos membros da Intendencia Municipal de Caxias

Antonio Moro – Inspector Escolar

Nas entrelinhas dessa relação, é possível identificar a figura do inspetor escolar como

um dispositivo de controle do poder público sobre o ensino que era ministrado no município, estando apto a validar as solicitações que compreendiam a constituição da materialidade escolar, qualificando ambientes e objetos, monitorando as práticas e intermediando a relação entre professores e Intendência Municipal.

A Secretaria de Interior e Exterior também foi responsável pela aprovação de fornecimento de materiais para o município, sendo que alguns fornecedores puderam ser identificados nas correspondências e em relatórios da Intendência. Nesse contexto de produção e fornecimento de provimentos para a educação pública, um dos elementos que aparece com destaque nas correspondências é o caixote. Os caixotes carregavam diversos materiais pedagógicos, como livros e cartilhas, objetos para escrita, como ardósias e tinteiros, régua métrica e objetos decorativos como tabuletas com as armas da República.

Nos documentos selecionados para esta pesquisa, há uma correspondência de 1896 enviada à Intendência Municipal por Rodolpho José Machado, de Porto Alegre, atestando o fornecimento de 15 caixotes às aulas públicas do município. Esses caixotes eram ordenados pela Diretoria Geral da Instrução Pública, sob responsabilidade de ser entregues diretamente pelo fornecedor, nesse caso, a Livraria Rodolpho José Machado (TAMBARA; ARRIADA, 2011). A relação de entregas de caixotes feitas por Rodolpho José Machado também pode ser identificada a partir de Adami (1981), que lista fornecimentos feitos em fevereiro de 1894, com 14 caixotes, e em novembro de 1894, com 13 caixotes. Nenhum dos documentos atesta o seu conteúdo.

O fornecimento de materiais didáticos e pedagógicos, como mapas, cartilhas e livros, assim como materiais de uso comum, como penas, papéis, tinta, aparece muitas vezes vinculado ao fornecedor J.R. da Fonseca e CO., de Porto Alegre (TAMBARA; ARRIADA, 2011). Essa livraria fornecia desde material para escritório e papelaria, e editava livros didáticos. Algumas das principais obras didáticas encontradas nos documentos foram publicadas pela livraria J.R. da Fonseca, como as *Seleção em Prosa e Verso* e *Primeiras Noções de Gramática* de Alfredo Clemente Pinto; *História do Rio Grande do Sul* por João Maia; *Gramática da Língua Inglesa* de Frederico Fitzgerald.

Dentro da empiria selecionada para esta pesquisa, apenas um fornecedor aparece citado em relatórios da Intendência: Echenique Irmão & Cia., listados nas despesas com a instrução pública no relatório de 1904. Presume-se que essa informação seja referente ao fornecimento feito pela Livraria Universal, fundada em 1887, pelos irmãos Carlos e Guilherme Echenique, e que representou uma importante casa editorial. No referido relatório, não há menção aos materiais fornecidos pela livraria.

Para os objetos e mobiliário escolar, além de J.R. da Fonseca & CO., outro fornecedor foi identificado: em documento de 1925, fica registrado o fornecimento de mobiliário escolar por meio da “Casa de Correção”. Nos *Annaes da Conferencia Interestadual de ensino primário*<sup>3</sup>, fica o registro da seguinte observação por parte de Carlos Parnafiel<sup>4</sup>: “O mobiliário continua a ser feito na Casa de Correção, excepto para escolas ruraes situadas a grandes distancias, adquirindo-se-os para essas na propria localidade”. O registro mencionado é o único encontrado na empiria que reforça essa relação do fornecimento de mobiliário pela Casa de Correção, mas sabe-se que nas oficinas da Casa de Correção havia a fabricação contínua de carteiras, mesas, armários, estrados.

Havia, também, o fornecimento de mobiliário escolar feito diretamente no município; nas correspondências que fazem parte do *corpus* empírico desta pesquisa, percebeu-se que era uma prática mais comum no início do período de escolarização, sendo muito comum também o envolvimento da comunidade para a fabricação de móveis (LUCHESE, 2015). Essa situação

pode ser ilustrada por meio do orçamento enviado por Giulio João Montanari<sup>5</sup>, em 1895, que lança mão dos valores de objetos como mobiliário, talha para água, régua e tabelas de cálculo.

Desse modo, analisar a escola pelas lentes da cultura escolar permite ampliar as possibilidades de reinterpretação do quadro geral da cultura, por estabelecer relação entre os elementos materiais da escola e a expressão das múltiplas experiências de seus sujeitos, no processo de escolarização, em suas práticas de produção culturais.

### **Considerações finais**

É importante pensar nessa relação entre a dimensão empírica e a política da cultura escolar como uma relação de poderes (VIDAL; GASPAR, 2011): a articulação entre as solicitações e fornecimento, entre os professores, os fornecedores e os órgãos de poder permite que se pense nessa rede de fornecimento além da compreensão do necessário para o funcionamento interno das aulas públicas – há de se considerar que a instrução pública representou um mercado em expansão na produção, fornecimento e compra de materiais para o contexto escolar. Seja por meio de fornecimento direto de Porto Alegre, ou por fornecedores do próprio município, é necessário que se perceba como Caxias do Sul estabeleceu redes de relacionamento com diferentes casas comerciais e prestadores de serviço em prol da adequação do ambiente das aulas públicas.

Existia, portanto, um circuito que objetivava o fornecimento dos materiais, a fiscalização e o controle dos ambientes escolares, reforçando a importância dos inspetores e fornecedores na construção de uma cultura escolar – não se pode pensar na materialidade das aulas públicas sem pensar nessa intrincada rede que procurava disseminar os preceitos positivistas da educação gaúcha.

### **Referências**

ADAMI, João Spadari. **História de Caxias do Sul: Educação**. Porto Alegre: EST, Caxias do Sul: UCS, 1981.

ALVES, Claudia. Educação, memória e identidade: dimensões imateriais da cultura material escolar. **História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel**, Pelotas, RS, v. 14, n. 30, p. 101-125, jan./abr. 2010. Disponível em: . Acesso em: 10 jan. 2013.

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, C. B. **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

ESCOLANO, Augustín. **A escola como cultura: experiência, memória e arqueologia**.

Campinas: Alínea, 2017.

ESCOLANO, Augustín. Las materialidades de la escuela (a modo de prefácio). In: GASPAR SILVA, Vera Lúcia; PETRY, Marília Gabriela (Org.). **Objetos da escola**. Espaços e lugares de constituição de uma cultura material escolar (Santa Catarina – Séculos XIX e XX). Florianópolis: Insular, 2012. p. 11- 18.

GASPAR SILVA, Vera Lúcia; PETRY, Marília Gabriela (Org.). **Objetos da escola**. Espaços e lugares de constituição de uma cultura material escolar (Santa Catarina – Séculos XIX e XX). Florianópolis: Insular, 2012.

GASPAR DA SILVA; Vera Lúcia; SOUZA, Gizele de; CASTRO, Cesar Augusto. Mobiliário a História da Educação. **Revista Educação e Emancipação**, São Luís, v. 13, n. 3, set./dez. 2020.

LUCHESE, Terciane Ângela. **O processo escolar entre imigrantes no Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul: Educus, 2015.

TAMBARA, Elomar; ARRIADA, Eduardo. Editoras e tipografias no Rio Grande do Sul: publicação e circulação de livros didáticos. In: Congresso Brasileiro de História da Educação. Sociedade Brasileira de História da Educação. SBHE, 6, 2011, Vitória, ES. **Anais Eletrônicos...** Vitória, ES, maio 2011.

VIDAL, Diana Gonçalves; GASPAR DA SILVA, Vera Lúcia. Por uma história sensorial da escola e da escolarização. In: CASTRO, César Augusto. **Cultura material escolar: a escola e seus artefatos (MA, SP, PR, SC e RS) – 1870/1925**. São Luís: EDUFMA: Café & Lápis, 2011.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Historia de la educación y historia cultural. Posibilidades, problemas, cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**, [S.l.], n. 0, p. 63-82, set-dez. 1995.

VIÑAO FRAGO, Antonio. La escuela y la escolaridad como objetos históricos. Facetas y problemas de la historia de la educación. **História da Educação, ASPHE/FaE/UFPEL**, Pelotas, v. 12, n. 25, p. 9-54, maio/ago. 2008. Disponível em: . Acesso em: 12 jan. 2013.

1. Alves (2010) realiza uma recuperação história da emergência desse conceito. A referida autora apoia-se em Vidal e indica o modo como os pesquisadores europeus se apropriaram e constituíram a campo conceitual da cultura material. Destaca a circularidade, nos anos 1990, de textos de Jean Hébrard, André Chervel, Dominique Juliá e Claude Forquin, entre outros e a presença marcante da reflexão historiográfica de Roger Chartier como decisivos na adoção do conceito pelos historiadores brasileiros. Ainda sobre isso, outra referência é feita por Viñao Frago (2008), que indica Dominique Juliá, em 1975, como um dos primeiros historiadores a utilizar essa expressão.

2. Quanto às pesquisas que analisam e utilizam objetos e utensílios escolares, cita-se o trabalho de Gaspar Silva e Petry (2012). Outro importante estudo é o dossiê organizado por Gaspar da Silva, Souza e Castro (2020), que tematiza sobre os objetos da cultura material e a história da educação.

3. Conferência realizada no Rio de Janeiro em 1921. ANAIS, 1922.

4. Deputado federal pelo Rio Grande do Sul entre 1921 e 1923.

5. AHMJS, 1895.